

MÚSICA E PSICOLOGIA: A PARTILHA DE RELATOS ENTRE IDOSOS NO CONTEXTO DO SUS

ALEX VIANA DE BRITO¹⁹
GISLENE MAIA DE MACÊDO²⁰

Resumo: O presente artigo consiste numa reflexão acerca das diferentes possibilidades de atuação da psicologia no campo das políticas públicas de saúde. Para isso toma-se como análise a atividade denominada de *Intervenção-Musical* realizada com um grupo de idosos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Sobral/CE. Os 35 participantes do grupo em conjunto com o facilitador escolheram 15 canções de artistas da música popular brasileira que traziam diversos temas. Da *Intervenção* registraram-se diversos relatos e falas relacionados a processos de *saúde-doença* que atingiam a esfera biomédica e as dimensões psicossociais dos participantes. Munido de teóricos da psicologia e da saúde coletiva se pode reconhecer a importância de fomentar espaços de saúde e cuidado por meio de práticas que prezem pela dimensão do vínculo, do afeto, além de serem coletivas, experimentais e artísticas no contexto da ESF.

Palavras-chave: *Sistema Único de Saúde. Psicologia. Música. Idosos.*

APRESENTAÇÃO

Este artigo constitui-se numa reflexão acerca das diferentes possibilidades de atuação da psicologia no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). Toma-se como objeto de análise a atividade denominada de *Intervenção-Musical* realizada com um grupo de idosos do Centro de Saúde da Família (CSF) localizado do município de Sobral/Ceará. Os 35 participantes do grupo, em conjunto com o autor, ouviram 15 canções de artistas da música popular brasileira que traziam diversos temas. A atividade ocorreu durante aproximadamente três meses totalizando nove encontros.

A proposta da *Intervenção-Musical* surgiu no contexto do estágio de conclusão da graduação em psicologia do autor, bem como da possibilidade de realizar-se uma atividade que congregasse os

19 Psicólogo. Mestrando em Saúde Pública pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC) (Departamento de Saúde Comunitária/Faculdade de Medicina). Bolsista do CNPq – Brasil. E-mail: alexvbrito@gmail.com

20 Psicóloga. Doutora em Psicologia pela *Universidade São Paulo* (USP, 2005). Professora do Curso de Psicologia da UFC/Campus Sobral. Integra a coordenação do Grupo de Pesquisa *Laboratório Identidade, Cultura e Subjetividade* (LAICUS). Coordenadora do projeto de extensão e pesquisa “A estrada de quem vê passar: Subjetividades em trânsito”. E-mail: gislene.macedo@uol.com.br

saberes ou “ferramentas” da psicologia, além da abertura do campo da saúde para ações e intervenções no âmbito grupal.

Para a realização da atividade buscou-se, num primeiro momento, inspirações metodológicas no campo da musicoterapia, uma vez que este campo se ocupa da questão terapêutica e sua interface com a música, além de que tanto no campo da saúde coletiva, quanto na área psicologia não se encontrou trabalhos teórico-práticos que abordassem a temática da música com a saúde. Entretanto, ao se aproximar da musicoterapia viu-se que esta possuía contornos próprios requerendo um aprofundamento acerca de técnicas e métodos específicos.

Encontramos as inspirações metodológicas para a realização da *Intervenção* nas experiências de rodas poesias de Virginia Kastrup (2005). A autora desenvolve um projeto de rodas de poesias com mulheres de classes populares em que faz a leitura da poesia em voz alta e tenta-se promover práticas de encontro, acolhimento de diferença e alteridade (KASTRUP, p.51, 2005).

Ainda que o trabalho da autora tenha como foco as poesias, o mesmo foi balizador principalmente por trazer a dimensão de experimentação e do “desencadeamento de experiências” (p.52).

Percebeu-se então que as ideias das rodas de poesias contribuíam perfeitamente para o desenvolvimento do nosso trabalho, permitindo-nos abandonar o referencial da musicoterapia, ou seja, de uma metodologia própria e delimitada.

Com a *Intervenção-Musical* em curso passamos então a experimentar as músicas no grupo, em outras palavras, “jogar as músicas na roda” e perceber o que essas canções poderiam desencadear em cada participante.

O SUS QUE ABRE AS PORTAS PARA A DIMENSÃO CRIADORA

O acesso dos brasileiros aos serviços de saúde no Brasil esteve historicamente atrelado à assistência, ou seja, não se constituía como um *direito* do cidadão, sendo somente aqueles que trabalhavam e que contribuíam gozavam de tais serviços. Os autores do campo da saúde coletiva denominam esse modelo como assistencial.

De maneira resumida podemos afirmar que tal modelo possuiu força até meados da década de 70 quando se iniciou uma série de articulações para que se pensasse um serviço ou mesmo sistema de saúde que pudesse atender a todos os brasileiros. Tais articulações são conhecidas no campo da saúde coletiva como “Movimento de Reforma Sanitária” que eram:

profissionais, pesquisadores, docentes ou estudantes destas organizações. Estes atores sociais tiveram papel relevante não somente na elaboração do projeto político do que seria o SUS, como também em constituir um “bloco sanitário” com setores populares, sindicais,

políticos profissionais e com o poder executivo. [...] armados com os conceitos de medicina comunitária, educação popular e atenção primária à saúde, priorizaram intervenções locais. [...] aproximar-se da base social do país, sindicatos, organizações de bairro e de comunidades urbanas e rurais. (CAMPOS, 2007, p.1868-1869).

Compreendemos que o Sistema Único de Saúde (SUS), ainda que de maneira complexa e controversa, representou um avanço dentro das políticas públicas no Brasil, pois se constituiu como resultado das diversas lutas desses sanitaristas brasileiros, além da própria conjuntura marcada pelo regime autoritário.

Portanto, possibilitar que toda a população tenha acesso a um Serviço de Saúde gratuito e universal já se constituía como revolucionário, além de desafiador no contexto das políticas públicas:

Esse sistema é, nos dias de hoje, um espaço de resistência às políticas neoliberais. Na contramão das tendências hegemônicas, o SUS vem logrando ampliar o seu leque de ações e mantém-se na vanguarda das políticas sociais brasileiras no que se refere ao caráter democrático e participativo de suas instâncias. Dificuldades e limitações à parte, representa uma conquista social que garante, por exemplo, a assistência à saúde para mais de 70% da população brasileira (CARVALHO, 2005, p.32).

Os princípios e as diretrizes expressas no SUS (*universalidade, integralidade, equidade*) por meio da Constituição de 1988 representam também a derrota que o modelo liberal-privado sofreu (CAMPOS, 2007), sobretudo, quando evidencia a dimensão da participação da população na gestão do SUS (gestão participativa e controle social). Significa que é mais do que oferecer um serviço à população é a tentativa de convocar ela própria para fiscalizar e construir o “SUS que queremos”.

É provável que o leitor se surpreenda com a apresentação do SUS que fizemos, em virtude dos diversos noticiários que apresentam um SUS precarizado, que carece com a falta de leitos em hospitais ou mesmo de profissionais para atuar, chegando a pensar que tal apresentação parece ser romântica.

Entretanto afirmarmos que o SUS resultado das lutas da Reforma Sanitária se apresenta como possível, isto é, como repleto de potencial, mas que ainda possui diversos desafios e necessidades para atender a todos os brasileiros.

Para nós o “SUS do possível” se apresenta no que chamamos de Estratégia de Saúde da Família (ESF) que consiste num modelo de organização dos serviços de saúde em que está centrada no núcleo familiar e comunitário, demandando a criação de vínculos e compromisso dos profissionais de saúde com a população. Além de ser a porta de entrada do usuário para os serviços de saúde, seja pequena, média e alta complexidade. (Cf. ANDRADE, BARRETO *et al*, 2006).

A ESF em seus aspectos permitiu que a *Intervenção-Musical* por meio da atuação da psicologia pudesse vislumbrar a possibilidade de um novo fazer, desenvolvendo metodologias diferentes das tradicionalmente utilizadas pela psicologia neste campo.

Portanto queremos destacar no presente artigo um SUS que para além da precarização está aberto para intervenção que, inclusive, amplie os limites do campo da psicologia da saúde, que durante bastante tempo teve sua atuação apontada como descontextualizada do trabalho em saúde (TRAVERSO-YÉPEZ, 2001).

A MÚSICA, A PSICOLOGIA E A INTEVENÇÃO-MUSICAL

Discorrer sobre as possibilidades que a música possui, trazendo significados que ela pode ter consiste em uma tarefa bastante difícil. De certa forma, diríamos que a música é uma combinação de melodias, ritmos, consonâncias e dissonâncias que:

narra, que descreve, que disserta. Música que faz percorrer o tempo numa velocidade inconcebível...música que conduz a um estado de pura virtualidade/.../música que conduz a outros estados de humor e de consciência...música que, muitas vezes, organiza e, outras tantas, desorganiza...música que, em alguns momentos, equilibra e, em outros, causa reação totalmente contrária, música-corporalidade, música-tempo. (CRAVEIRO DE SÁ, 2006, p.3)

A música pode assumir diversas funcionalidades, desde informar, sensibilizar e até mesmo motivar. A letra contida na canção²¹ pode também está diretamente ligada ou associada ao sujeito, a sua história e as suas experiências de vida.

Basta, por exemplo, observarmos músicas que lembram determinado momento de nossas vidas ou até mesmo aquelas que nos emocionam no momento em que as escutamos.

É nessa fresta que entendemos a música como possibilidade e em diálogo com alguns fazeres da psicologia. Dito de outra forma, com a música podemos deflagrar sentimentos, reflexões e sensações, além de acessar experiências subjetivas que nos remetem a processos de saúde e adoecimento, podendo ainda produzir “experiências de surpresa, estranhamento e potencializando o processo de produção de subjetividade e sua dimensão coletiva.” (KASTRUP, p.54, 2005).

Mesmo sem um “rumo” para o desenvolvimento de nossa atividade acreditávamos que era possível haver alguma relação entre a música enquanto linguagem e o olhar mais psicoterápico da

²¹ Destaca-se a noção de canção, pois se acredita que a canção se caracteriza pela unificação de letra e música. Mais detalhes sobre o tema *In PALAVRA* (en) cantada. Direção: Helena Solberg Estrelando: Arnaldo Antunes, Maria Bethânia, Gustavo Black Alien, Chico Buarque de Hollanda, Adriana Calcanhoto, Antônio Cicero, Martinho da Vila, “Lirinha” José Paes Lira, Zélia Duncan, Ferrez, Lenine, Jorge Mautner, B-Negão e Paulo César Pinheiro. Radiante Filmes. 2008. Documentário (86 min). Rio de Janeiro.

psicologia poderíamos desenvolver algum tipo de uso, seja propiciando uma escuta mais acolhedora ou mesmo para trazer uma ludicidade aos momentos com os usuários.

Quando falamos da música enquanto linguagem é necessário ressaltar que esta linguagem não existe propriamente na música, mas somos nós através da cultura, da tradição musical, e dos diversos aspectos que atribuímos o significado-conceito-ideia a música.

Um acorde de em ré maior no violão é apenas um acorde em ré maior, mas quando esse acorde se une a outros “elementos da música” que podemos entender como linguagem, tais como a letra, a harmonia, os arranjos, o ritmo e a melodia, observa-se que essas propriedades podem ser deflagradores de sentimentos de solidão, de alegria, etc.

Essa “junção” necessária para que a música possa tocar as pessoas denomina-se de “campo de ressonâncias” (HAMEL, 2006) e, de certa forma, podemos pensar em algumas músicas que deflagram tais sensações como, por exemplo, as canções populares. Se tomarmos a canção “Vida do Viajante” de Luiz Gonzaga, por exemplo, poderíamos supor que algumas sentimentos/sensações seriam tematizadas pelos participantes, por exemplo: o sertão, o sertanejo, o nordeste e entre outros aspectos.

No entanto tais aspectos não são totais, isto é, fechados, pois pode haver alguém que não faça parte desta “rede de comunicação musical” e, portanto, não atribua sentido algum a música ou atribua até outros sentidos, diferentes dos apontados. Ainda assim, optamos em trabalhar com canções populares, pois estas estariam mais próximas da “história de vida musical” da maioria dos participantes. De todo modo não havia nenhum problema que houvesse canções que não fizessem parte do “universo musical” dos participantes, pois essas poderiam trazer conteúdos do inusitado, do inédito e estes discursos estariam dispostos para todo o grupo. Nesse sentido que o não fechamento do entendimento desta atividade também era um foco da metodologia construída por nós.

Tal metodologia foi interessante, pois presenciamos diversas experiências de estranhamento por parte dos participantes diante de velhas ou novas canções ouvidas que tanto geravam estranhamento de si, quanto sentimentos de nostalgia e contentamento.

No que diz respeito ao fazer da psicologia é importante destacar que há uma clara “brecha” entre a metodologia utilizada e contexto da psicologia no contexto do SUS, além de nos permitimos a (re)inventar as atuações já existentes no campo da psicologia da saúde. Com relação a atuação desse profissional as palavras de DIMENSTEIN (1998) ainda ecoam, vejamos:

Por outro lado, a Psicologia vinha sendo alvo de inúmeras críticas - por parte não só da categoria - no sentido de que o trabalho clínico do psicólogo não apresentava grande significado social, sendo freqüentemente identificado como uma atividade de luxo - pois destinado a uma pequena minoria da população - impregnado de um forte conteúdo ideológico individualista e despreocupado com os problemas sociais. (p.67)

Portanto, mais do que vislumbrar a possibilidade de um novo fazer e o desenvolvimento metodológicos destas, nos vemos também comprometido na construção do conhecimento e de um fazer *implicado e militante* (MEHRY, 2006).

ALGUNS ACHADOS DA INTERVENÇÃO MUSICAL

Apresentaremos achados que consistem em momentos vivenciados pelos participantes durante a intervenção. De modo específico, apresentaremos dois achados dos diários que ilustram como se deu a *Intervenção-Musical*.

Ressalta-se que tal intervenção resultou num trabalho de conclusão de curso do autor e que tivemos por principal registro o diário de campo.

O diário é um dispositivo de registro da processualidade e mais do que narrar como a música afetava os participantes em determinada situação, nos interessava lançar um olhar sobre a intervenção como um todo, pensando as possíveis ressonâncias dela e as experimentações propostas ali. A autora Regina Benevides (2009) afirma o diário de campo apresenta uma característica de “desvio metodológico” isso porque o texto diarístico foge ao texto oficial e instituído.

Recorrendo as pesquisas do sociólogo René Lourau, a autora nos fala ainda da existência do diário como um *fora-texto*. Tal termo foi cunhado após investigações do sociólogo as obras do antropólogo Malinowsky, onde percebeu que os textos oficiais do autor pareciam distar dos textos diarísticos, como se algo tivesse que ser deixado para que se transformasse em um texto da antropologia oficial. Este *fora-texto* trazia então outro cotidiano, além das implicações do autor para com a pesquisa e com o conhecimento. FONTELES FILHO (2003) clareia essas considerações quando indica que:

O diário nos permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo não o ‘como fazer’ das normas, mas o ‘como foi feito da prática’. Tal conhecimento possibilita compreender melhor as condições de produção da vida intelectual e evita a construção daquilo que chamei ‘lado mágico’ ou ‘ilusório’ da pesquisa (fantasias em torno da cientificidade, gerada pela ‘asséptica’ leitura dos resultados finais). (p.33)

Diante dos oito diários de campo realizados durante a intervenção procuramos por momentos, episódios e fatos que e as possíveis ressonâncias que a intervenção musical causou naquele espaço. A título de facilitação do entendimento do leitor, ressalta-se que os trechos desses diários estarão expressos sempre em *itálico*, distinguindo-se das citações dos autores que permaneceram no modo normal, além disso salienta-se que os nomes dos participantes que aparecerem nos diários de campo foram substituídos por pseudônimos, em específico, escolhemos por nomes de artistas da música popular Brasileira. Vale ressaltar que mantivemos os diários conforme sua escrita original, realizando

alterações somente na fase de construção do presente trabalho, onde as trocamos os nomes dos participantes por pseudônimos.

Compreendo que esse grau de afetação se constrói, conforme aponta Foucault (2004), no domínio micro-político das relações e tem como imperativo o papel do pesquisador totalmente implicado com a pesquisa o que pode ser expresso nas palavras de Romagnoli (2009) quando diz que:

a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele. (ROMAGNOLI, 2009, p.169-170).

Ainda com relação aos aportes metodológicos é importante frisar que para o desenvolvimento da intervenção situamos-nos também dentro da perspectiva da observação-participante onde através de uma busca por uma relação próxima e profunda com as pessoas, com a comunidade dos participantes, além do vivido pelo autor estando imerso no grupo e no Centro de Saúde da Família do bairro.

Feita essa explanação, vamos aos episódios ocorridos no espaço da *Intervenção-Musical*.

O “COM-PARTILHAR” DE EXPERIÊNCIAS

A partilha das experiências, conforme adiantamos, foi um aspecto bastante evidente entre o grupo. Evidente que pela longa existência do grupo e conseqüentemente o grau de intimidade que há entre esses participantes, permite-os uma maior abertura para conversar sobre temas íntimos e o espaço da intervenção musical foi contributivo para o fortalecimento desse aspecto, haja vista que a maioria das outras atividades abordavam os aspectos corporais, físicos-motores dos participantes do grupo. Então a atividade musical contribuiu preenchendo os aspectos da conversa ou como afirmarmos dessa partilha e mesmo da boa prosa entre os participantes.

Dentre as conversas que tivemos, destaco a preocupação dos idosos com os seus familiares (filhos e netos) como a que mais apareceu nos diários de campo.

Bethânia trouxe uma situação difícil que está passando. Disse esta passando por um sofrimento com a filha, pois esta não consegue “encontrar seu caminho”. O marido de sua filha a agride e ela aparece na casa da mãe, dizendo o ter deixado, mas logo volta para ele. Disse ser muito triste ver uma filha passar por essa situação. Sem pestanejar, Dalva também trouxe a tona um fato parecido com o de Bethânia. No caso dela, disse ter tido 9 filhos e que não se conforma com o rumo que eles tomaram, dizendo não poder contar com eles e nem esperar algo deles. Dalva falava num tom de lamento, de como quem tinha educado os filhos e estes não conseguiram aprender. (Diário de Campo, nº 4, p.1-2)

Noutro momento este mesmo tema apareceu já na fala de outro participante:

Após a minha fala, Nelson pediu para falar. Além de agradecer, ele parecia estar com vontade de falar de sua vida. Parecia que falava para aqueles jovens que estavam no grupo. Com muita dificuldade em falar, lentamente, ele contou-nos sobre a vida difícil que teve. Já muito cedo teve que trabalhar duro e, como noutras vezes já tinha dito, nunca foi de festa, sempre em sua vida foi o trabalho na roça. Mais do que ajudar em casa, Nelson teve que ajudar na criação dos seus irmãos, que eram mais novos que ele. Hoje, dizia ele, que tinha um neto em casa, da idade dos jovens presentes, que era doido e que ele ficava dando força pra que ele saísse de casa, que fosse a luta, atrás de algo, de ajudar sua família. Nelson se perguntava o que acontecia com o mundo, principalmente, com os mais jovens. A fala de Nelson deflagrou sucessivas colocações de vários idosos, perguntando-se porque essa geração era assim e porque eles não nos escutavam. (8º Diário de Campo, p.2)

As duas falas apresentadas apareceram naquele momento como verdadeiros desafios a prática de psicólogo em formação. Desafio, pois o intento do espaço era possibilitar a fala dos participantes. Mas algumas conversas compartilhadas exigiam dos profissionais um olhar mais acurado e encaminhamentos concretos como, por exemplo, no caso de Bethânia que me procurou para tentar solucionarmos o problema que passava com sua filha.

É nesse meandro que constatei a limitação de minha atuação, na condição de estagiário de psicologia, sendo a única possibilidade encaminhá-la para possíveis órgãos responsáveis em solucionar a questão. Mesmo repassando a informação para Bethânia sobre a existência de órgãos que a auxiliariam, observamos a não solução de sua problemática, até minha permanência no estágio, não somente pela dificuldade de resolução dos órgãos, também pela dificuldade da própria filha em contribuir na resolução da situação. Nesse sentido que foi bastante difícil e delicado observar Bethânia triste e preocupada com a vida da filha, pois não podia tomar decisões efetivas já que cabia a própria filha tomá-las. Do mesmo modo ocorreu com Nelson, que se perguntava e perguntava para todo o grupo o que acontecia com os jovens da atual geração, referindo-se ao neto que não realizava nenhuma atividade, tampouco contribuía em casa, já que o mesmo desde muito cedo teve que trabalhar, contribuindo nas despesas da casa. Com relação a este último aspecto, salienta-se as agentes de saúde que conheciam o caso, disseram que o neto do participante era acompanhado pelo psiquiatra do CSF.

Através dos diários, e aliado a outros momentos ocorridos na intervenção, constata-se a importância que o idoso exerce no núcleo familiar, seja pelo aspecto econômico, pois sabe-se que em muitos contextos familiares é ele que mantém a família, através dos benefícios ou da aposentadoria e importância também exercida pela sua experiência de vida, sabedoria e capacidade de acolhida dos filhos e dos netos. Tem-se também a “dependência do idoso para com a família”, devendo ela assumir os cuidados com ele. Em alguns casos dos participantes parecia haver mais uma dependência da família pelos idosos, do que ao contrário, posto que alguns afirmavam em “tom de orgulho” que seus filhos necessitavam de sua ajuda.

EDNARDO, A VOZ DO CAIS BAR

Ednardo aparecera somente nos dois primeiros encontros. O que não nos impediu de nos encontrarmos em algumas ocasiões, quase sempre, com ele passando em sua belina vermelha, que tão logo parava para conversarmos.

Com relação aos encontros em que ele participara, posso afirmar que tive a sorte de levar já no primeiro dia de encontro algumas das músicas preferidas dele. Tal descoberta se deu já na apresentação onde ouvimos a canção “Sentimental Demais” interpretada por Altemar Dutra.

Após a música um senhor, que depois descobri que se chamava Ednardo levantou a mão dizendo ter sido cantor “dos tempos do Cais Bar”. Quando terminamos o grupo, Ednardo e Dominginhos me procuraram. Ednardo falou de sua vida de cantor, descrevendo a áurea da boemia do Cais Bar, aquele antigo bar de Fortaleza. Falou das pessoas que se encontravam e até mesmo relatando os casos que tivera com as mulheres. Contou que era um grande cantor, reconhecido ali. (Diário de Campo nº 1, p.2)

No relato de Ednardo, contido no diário de campo, observo a relação com o que Virginia Kastrup (2005) em seu trabalho de rodas de poesia, chama de “experiências íntimas”, que consiste:

em experiências que o eu, que ele não controla e não sabem de onde vem. São ao mesmo tempo íntimas e estrangeiras. No entanto, elas chegam com a clareza da intuição e vem acompanhadas de um sentimento de certeza de serem sido experimentadas. (KASTRUP, 2005, p.9)

Ouvir “Sentimental Demais” foi mais do que rememorar um tempo que passou. Foi “presentificar” o cantar, o gosto pela música por parte do usuário que até então estava adormecido. E, conforme Kastrup apontou, era como experimentar algo da dimensão do intuitivo, que não podemos explicar, cabia apenas ao próprio idoso experimentar aquele momento. Outro fato revelador foi que já no fim de nossa conversa o idoso tentou cantar a música “Perfume de Gardênia” e ainda que problema em sua garganta o impedisse de cantar, ele cantou, sendo bastante emocionante para nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da intervenção musical reconhece-se, portanto, que alguns objetivos foram alcançados como, por exemplo, nos aproximarmos dos participantes do grupo de uma forma diferenciada, caminhando para além da relação profissional-usuário e fortalecendo a dimensão da arte dentro do grupo de idosos. Além de ter proporcionado que a fala acontecesse entre os participantes do grupo

emergindo relatos que tiveram por característica a partilha de íntima de relatos íntimos e mesmo inusitados, conforme aprofundamos nas análises da intervenção.

Observou-se também do ponto de vista dos limites do trabalho no sentido de não abordarmos outras temáticas que surgiram dos diários como, por exemplo, o significado das noções de “idoso” e “velho” que eram dadas por profissionais e pelos próprios participantes do grupo, além de um aprofundamento das questões de organização do serviço de saúde.

Com relação às potências, acredito que existiram pela abertura daquelas pessoas para ouvir músicas e compartilhar um pouco de suas vidas, bem como a apropriação por parte deles da intervenção musical, cumprindo assim o objetivo de que a atividade fosse coletiva. É nesse sentido que a nossa experiência e também nossa aposta é que “as práticas que promovem a experiência com a arte em trabalhos comunitários constituem instrumentos poderosos para a relação com a diferença que nos habita, abrindo para o acolhimento do outro em sua dimensão de alteridade” (KASTRUP, p.55.2005).

Compreende-se que este trabalho toca em um aspecto de relevância tanto para o autor, quanto para o campo da saúde. O primeiro sobre como “podemos nos inventar, ou melhor, ser psicólogos no campo da saúde?”.

Já para saúde coletiva, se reconhece a possibilidade de constante abertura para novos e outros saberes, não somente os já reconhecidos no contexto do SUS. A não “prescrição” de um fazer do psicólogo na ESF parece de imediato nos assustar, pois os saberes até então instituídos por nós advém quase sempre de um modo tradicional de se fazer psicologia.

Então é dentro da discussão da prática do psicólogo, da sua inserção ainda recente no campo da ESF e da dimensão criadora que localiza-se o presente artigo. É em certo sentido que se insiste em dizer que a intervenção musical foi construída dentro da com o caráter de aproximação, de vínculo, isto é, que se procurou caminhar no nível da produção de subjetividade (DELEUZE, 1996). Foi na tentativa de propiciar encontros de acolhimento da experiência do outro e da alteridade que a música emergiu como possibilidade. Encontros tinha sua potência em serem espaços de acontecimento da fala (KASTRUP, 2005), de encontros com experiências íntimas, estranhas que só podem ser criadas na relação com o outro.

MUSIC AND PSYCHOLOGY: SHARING EXPERIENCES AMONG THE ELDERLY THE SUS CONTEXT

Abstract: This article is a reflection on the different possibilities of performance psychology in the field of public health policies. Taking this analysis as the activity named *Intervention-Musical* performed with a group of elderly users of the Brazilian National Health System in the city of Sobral/CE. The 35 members of the group together with the coordinator chose 15 songs from artists of Brazilian popular music that brought various subject. Intervention were recorded several reports and statements related of health and disease process that was related to the biomedical aspects and psychosocial dimensions of participants. Along with theoretical psychology and public health can recognize the importance of promoting health and care spaces through practices that are size of the bond and affection. Besides being artistic and collective.

Keywords: *Brazilian National Health System. Psychology. Music. Elderly.*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiz Odorico M. de; BARRETO, Ivana Cristina. de H. C.; BEZERRA, Roberto Cláudio. *Atenção Primária à Saúde e Estratégia de Saúde da Família*. In: CAMPOS et al (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec: Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

BENEVIDES, Regina de B; PASSOS, Eduardo. *Diário de Bordo de uma viagem-intervenção*. In. PASSOS. E, KASTRUP. V, ESCÓSSIA. L. (ORG) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. O SUS entre a tradição dos Sistemas Nacionais e o modo liberal-privado para organizar o cuidado a saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*. V.12, 865-1974. 2007.

CARVALHO, Sergio R. *Saúde Coletiva e a Promoção da Saúde: sujeito e mudança*. São Paulo: HUCITEC, 2005.

CRAVEIRO DE SÁ, Leomara. De sons e sentidos: a Psicologia da Música sob o olhar da Complexidade. XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia – *Comunicação Oral*. Goiânia-GO. 2006.

DIMENSTEIN, M. D. B. O psicólogo nas unidades básicas de saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. *Estudos de Psicologia*; 3(1): 53-81, 1998.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. Fortaleza: UFC, 2003. (Tese de Doutorado digitada).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 14ª Ed. 2004.

KASTRUP, Virgínia. O devir-consciente em rodas de poesia. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, vol.17, nº2, p.45-60. 2005.

HAMEL, Niels. *Musicoterapia: A Escuta Terapêutica da Linguagem Musical*. *Revista Brasileira de Musicoterapia*. UBAM, ano X, nº. 08, p. 66-77, 2006.

MERHY, Emerson E. O Conhecer Militante do Sujeito Implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido. Disponível em <[http.paginas.terra.com.br/saude/merhy](http://paginas.terra.com.br/saude/merhy)>. Acesso fevereiro de 2009.

PALAVRA (en) cantada. Direção: Helena Solberg Intérpretes: Arnaldo Antunes, Maria Bethânia, Gustavo Black Alien, Chico Buarque de Hollanda, Adriana Calcanhoto, Antônio Cicero, Martinho da Vila, “Lirinha” José Paes Lira, Zélia Duncan, Ferrez, Lenine, Jorge Mautner, B-Negão e Paulo César Pinheiro. Radiante Filmes. 2008. DVD. (86 min). Rio de Janeiro.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*; 21 (2): 166 -173, 2009.

TRAVERSO-YEPEZ, M. A interface psicologia social e saúde: perspectivas e desafios. *Psicol. estud.*, v. 6, n. 2, p. 49-56, 2001.

Recebido em 13/09/2012. Aprovado em 29/10/2012.

SOBRE A METAPSIKOLOGIA: A EPISTEMOLOGIA FREUDIANA

KELLY MOREIRA DE ALBUQUERQUE²²

REBECA DE SOUZA ESCUDEIRO²³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo circunscrever epistemologicamente a psicanálise. Trata-se de um estudo teórico que será feito em três momentos. Primeiramente, será feita uma discussão sobre as especificidades que compõem a metapsicologia. Em seguida, serão definidos os registros constitutivos da metapsicologia: tópico, dinâmico e econômico. E, por fim, se discutirá acerca do pertencimento paradoxal da psicanálise à ciência. De modo a concluir, pode-se dizer que a epistemologia singular da psicanálise lhe imprime uma posição ética, ou seja, lhe impõe a exigência da verdade de dizer o real, do que no sujeito espera por um velamento.

Palavras-chave: *Psicanálise. Epistemologia. Metapsicologia. Inconsciente. Racionalidade.*

Este trabalho tem por objetivo circunscrever epistemologicamente a psicanálise. Trata-se, mais especificamente, de mostrar, segundo Assoun (1983), que a psicanálise construiu sua própria plataforma epistemológica: a metapsicologia. A psicanálise é digna de uma discussão epistemológica, ou seja, de uma investigação que demarque suas condições de possibilidade, pois a ela está resguardado o lugar de saber. Freud, ao pensar sua prática clínica, forjou sua própria epistemologia, não precisando, por isso, buscá-la externamente.

Por um processo de desenvolvimento contra o qual teria sido inútil lutar, o próprio termo ‘psicanálise’ tornou-se ambíguo. Embora fosse originalmente o nome de um método terapêutico específico, agora também se tornou a denominação de uma ciência – a ciência dos processos mentais inconscientes. Por si só, essa ciência é poucas vezes capaz de lidar com um problema de maneira completa, mas parece fadada a prestar valiosa ajuda nos mais variados campos do conhecimento. A esfera de aplicação da psicanálise estende-se até a da psicologia, com a qual forma um complemento do maior significado. (FREUD, 1900[1996], p. 72)

Mais que enquadrá-la no campo do saber, Assoun (1983) demonstra que, na *querela dos métodos*, ocorrida em 1883, pela divisão da ciência entre ciências naturais (Naturwissenschaften) e ciências do espírito (Geisteswissenschaften), Freud ignorou-a e edificou sua psicanálise sobre o método das ciências da natureza, pois segundo ele, a metodologia usada por esta é a única forma de fazer ciência. Trata-se

²² Mestre em Psicologia pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). E-mail: kellynha.psico@hotmail.com

²³ Mestranda em psicologia pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). E-mail: rebeaescudeiro@gmail.com